

Existencialismo Metafísico

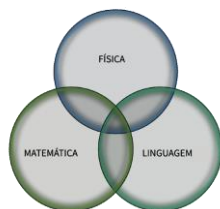
1 - Disposições Gerais – resumida pelo GPTchat

Os primeiros filósofos eram considerados metafísicos, pois buscavam compreender a origem, os princípios e a essência de todas as coisas. Nesse período, surgiram também filósofos materialistas, que acreditavam que a origem de tudo era material, baseada em leis naturais, dando início à ciência empirista. Dentro dessa perspectiva, muitos negavam a existência de uma alma ou espírito no corpo humano. Em contraposição, os filósofos espiritualistas defendiam a existência de uma entidade imaterial que transcendia o corpo biológico, considerando a realidade do universo como uma interação entre o mundo físico e o metafísico.

As religiões também apresentam essa interação entre mundos. As religiões monoteístas surgiram a partir das politeístas, pregando a existência de um único Deus-Criador, enquanto as segundas geralmente reconheciam um deus criador entre vários outros deuses. A Igreja Romana apropriou-se da mitologia hebraica, adotou o monoteísmo e impôs seus dogmas sobre o Ocidente. Criou-se, assim, uma hierarquia transcendental composta por Deus, Jesus Cristo, o Espírito Santo, demônios, santos e anjos celestiais. No entanto, com o avanço da ciência, ao observar o céu através de telescópios modernos, o homem percebeu a vastidão do universo e sua própria insignificância. Dessa forma, os anjos deixaram de ser "celestiais" e passaram a ser considerados entidades metafísicas. A Igreja, ao longo do tempo, misturou os conceitos de mundo físico e metafísico. Modernamente, as religiões monoteístas passaram a conceber a realidade como uma interação entre esses dois mundos.

A ciência enfrenta dificuldades para esclarecer a natureza e a origem das leis naturais. Onde essas leis estão escritas? Quem as estabeleceu? Para explicar o universo, a ciência substituiu a ideia de Deus pelo conceito de Natureza. Muitas vezes, essa substituição é usada para rivalizar com a ideia de divindade. Entretanto, independentemente da perspectiva adotada, a matemática desempenha um papel fundamental na construção do universo. A matemática não tem vontade própria; ela é um instrumento da inteligência humana. Da mesma forma, não poderia a matemática ser um instrumento da Natureza? A inteligência da Natureza poderia ser uma reflexão da própria inteligência humana? Paradoxalmente, a ciência oficial menospreza a hipótese de uma inteligência extra-humana e aposta na ideia de um "Nada criador".

A física, a mais elementar das ciências, tem como objeto de estudo a trindade matéria-tempo-espaço. Esse paradigma se estende a todas as ciências, pois a realidade é considerada algo que ocorre no tempo e no espaço. No entanto, a ciência enfrenta um dilema: utiliza instrumentos metafísicos como a matemática, a lógica e a linguagem, que transcendem a matéria-tempo-espaço. Quando um físico determina a posição de um planeta no sistema solar, ele não está lidando diretamente com um fenômeno físico, mas sim com sua representação metafísica através da matemática e da lógica. Desde Newton, a matemática tem sido a base da ciência, conferindo precisão ao método científico. No entanto, esse instrumento é, por essência, metafísico, pois independe da matéria-tempo-espaço.



Existencialismo Metafísico

Dessa forma, a ciência também reconhece uma interação entre o mundo físico e o metafísico. Embora defenda leis naturais, essas leis têm uma natureza metafísica, pois dependem da matemática para serem compreendidas. Com essa abordagem, a ciência, a religião, a filosofia e a mitologia convergem para uma interação entre os mundos físico e metafísico.

A diferença entre esses dois mundos precisa ser estabelecida. A física clássica, passando pela relatividade e pela física quântica, estudou a matéria dentro do tempo e do espaço. Em Aristóteles, a metafísica se opunha à física, referindo-se a algo além dos sentidos. Hoje, sabemos que a física lida com fenômenos materiais perceptíveis, enquanto a metafísica se refere à inteligência que transcende matéria-tempo-espaço.

Sob essa perspectiva, a matemática e a linguagem são entidades metafísicas que se relacionam com objetos físicos. Elas não possuem substância e independem do tempo e do espaço. Embora possam ser questionadas sob diferentes ópticas, serão aqui consideradas como premissas. Definir algo é um desafio em um mundo relativista e paradoxal, mas essa abordagem busca estruturar um pensamento coerente e lógico.

Essa perspectiva não é um mero jogo de linguagem, mas um argumento semântico consistente. A ciência lida com a trindade matéria-tempo-espaço, enquanto a metafísica transcende essa estrutura. Essa visão fundamenta o Existencialismo Metafísico (EM), um sistema filosófico racionalista baseado na matemática, na lógica e na linguagem.

Atualmente, o conhecimento se divide entre a ciência materialista, que nega o mundo metafísico, mas depende de instrumentos metafísicos, e as religiões, que sustentam a existência desse mundo por meio da fé. No fundo, o dilema entre o real e o ideal persiste desde a Grécia Antiga.

Como alternativa, este livro propõe uma abordagem racionalista da metafísica, utilizando o método matemático como ferramenta de investigação da realidade. Baseando-se no método axiomático-dedutivo de Euclides, defende-se que a realidade segue um encadeamento de sistemas estruturados.

Assim, propõe-se um modelo em que a estrutura do universo parte do pluralismo (domínio do conteúdo), atravessa o dualismo (dinâmica do universo) e culmina no monismo (política do universo), refletindo-se na matemática, na lógica e na linguagem.